



GT 63. Ofícios e profissões: memória social, identidades e construção de espaços de sociabilidade.

Coordenador(es):

Madiana Valéria de Almeida Rodrigues (UFRR - Universidade Federal de Roraima)

Marjo de Theije (Vrije Universiteit Amsterdam)

Sessão 1

Debatedor/a: Fernanda Valli Nummer (UFPA - Universidade Federal do Pará)

O GT tem por objetivo principal estimular a manutenção de uma rede de pesquisa e de intercâmbios sobre as novas dinâmicas da memória, do imaginário, das emoções, dos ofícios e profissões, com ênfase no estudo de fenômenos no espaço da contemporaneidade. A influência da extrema direita favorece a emergência de novos atores sociais, fronteiras espaciais, fluxos migratórios e formas de sociabilidade que afetam padrões de trabalho que precisam ser elucidados antropologicamente. A proposta atual visa atender a ampliação das perspectivas sobre diferentes dimensões das relações humanas (imagéticas, econômica, política, de reciprocidade, de associação, de projetos para a vida). Daremos continuidade aos vigorosos debates das últimas quatro RBA's e optamos pelo rodízio de coordenadoras. Em 2015, foi publicado o primeiro livro, resultado destas discussões: "Entre ofícios e profissões: reflexões antropológicas". Em 2019, as etnografias reunidas foram publicadas em forma de Dossiê, na "Revista de Antropologia Amazônica", da UFPA. Nesta reunião mantemos o foco nos estudos etnográficos relacionados aos temas em que ofícios e profissões são analisados não apenas como funções sociais especializadas que as pessoas desempenham de acordo com as necessidades de outras, mas sim como uma das múltiplas dimensões das identidades dos sujeitos, sendo capazes de gerar esquemas de percepção e ação no mundo social. A busca por publicação dos trabalhos pré-selecionados permanece, igualmente, como princípio

Saber Tradicional do Ofício de Cozinheira de Terreiro de Matriz Africana e Formas de Sociabilidades na Comunidade de Santo: Atividade Voluntária e Resistência à Exploração do work da Mulher Negra

Autoria: Maria Grazia Cribari Cardoso (UFRPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco)

A presença feminina nas religiões afro-brasileiras tem sido bastante documentada nas pesquisas brasileiras sobre o tema. Estas têm sido focalizadas sob a ótica da liderança, da sexualidade, da posição hierárquica, da estrutura da família, das guardiãs transmissoras dos saberes, das cuidadoras dos terreiros e pela valorização e revalorização das grandes yalorixás. No entanto, quase não há referência às mulheres responsáveis pela preparação das comidas religiosas. As cozinheiras nas religiões afro-brasileiras são as guardiãs do conhecimento culinário considerando que a comida é central na religião de santo. No candomblé, a depender da tradição, estas mulheres ocupam um lugar de prestígio na organização social ou são apenas filhas de santo que executam a tarefa de cuidar da cozinha, sob a supervisão da mãe ou do pai de santo. Em princípio, são as mulheres que executam essas tarefas e elas são escolhidas entre as filhas de santo mais velhas, mas não há uma regra fixa. O conhecimento rico e diversificado que possuem sobre o repertório das comidas de santo, acrescidos os tabus em relação ao sangue menstrual das mulheres, segundo os adeptos da religião, jogam um papel importante nessa escolha. A metodologia qualitativa orientou a pesquisa de campo. A entrevista e a observação participante foram as técnicas utilizadas. Percebemos que a coleta de informações não poderia se restringir apenas a perguntas e respostas e o mergulho no terreiro foram essenciais para ouvir, ver, escutar, enfim, usar todos os sentidos a fim de entender a lógica de suas experiências sociais no



ofício. No início de suas trajetórias na religião nota-se de diferentes maneiras na forma como se tornaram cozinheiras de terreiro. A aprendizagem faz-se em casa ou no terreiro, pela observação direta. As crianças aprendem as técnicas de cuidado da casa com as mães/avós ou outras mulheres que as substituam. Os adultos, no terreiro, através da observação e ensinamentos de outras cozinheiras (os) mais experientes. Considerando ser uma culinária de aprendizagem oral, se estabelece uma relação entre o aprendiz e o sábio (a) que domina o conhecimento das comidas de santo. A sociabilidade, o compartilhamento e a distribuição são valores intrínsecos a atividade. Na religião afro brasileira a comida aparece no início dos rituais, nas oferendas aos deuses (obrigações, ebós) e ao final do ritual onde são oferecidas comidas a comunidade de crença. O work das cozinheiras de terreiro é work doméstico voluntário. Se por um lado, a situação social da mulher negra lhe limita as chances na sociedade, por outro, os terreiros de matriz africana são formas alternativas de resistência simbólica coletiva a exploração do work.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: